

LOUISA MAY ALCOTT

OBRA RECOMENDADA
Leitura
Autônoma
3.º ciclo

MULHERZINHAS

Tradução e prefácio da escritora
Carla Maia de Almeida



Índice

Prefácio.....	7
Capítulo Um – Brincar aos peregrinos.....	11
Capítulo Dois – Um Natal feliz.....	29
Capítulo Três – O menino Laurence.....	45
Capítulo Quatro – Fardos.....	61
Capítulo Cinco – Boa vizinhança.....	81
Capítulo Seis – Beth descobre o Palácio Encantado.....	99
Capítulo Sete – Amy no Vale da Humilhação.....	111
Capítulo Oito – Jo encontra Apolião.....	123
Capítulo Nove – Meg na Feira das Vaidades.....	139
Capítulo Dez – O Clube Pickwick.....	165
Capítulo Onze – Experiências.....	185
Capítulo Doze – O acampamento Laurence.....	203
Capítulo Treze – Castelos no ar.....	233
Capítulo Catorze – Segredos.....	247
Capítulo Quinze – Um telegrama.....	261
Capítulo Dezasseis – Cartas.....	275

Capítulo Dezassete – A pequena fiel	289
Capítulo Dezoito – Dias sombrios.....	301
Capítulo Dezanove – O testamento de Amy.....	313
Capítulo Vinte – Confidências.....	325
Capítulo Vinte e um – Laurie faz asneiras	
e Jo faz as pazes.....	337
Capítulo Vinte e dois – Prados floridos.....	355
Capítulo Vinte e três – A tia March resolve a questão....	367

Prefácio

Em outubro de 1868, saiu a primeira edição de *Mulherzinhas* (*Little Women*), dada à estampa pela editora norte-americana Roberts Brothers, de Boston. Em poucos meses, revelar-se-ia um êxito de vendas retumbante, originando sucessivas tiragens e traduções. Nem Louisa May Alcott (1832–1888) nem o seu editor, Thomas Niles, que um ano antes a convidara a escrever «um livro para raparigas», imaginaram a dimensão do fenómeno. A reação inicial de Alcott ao convite, conforme registou no seu diário, foi de um ceticismo lacónico, para dizer o mínimo. «Não aprecio esse género de coisas», afirmou, referindo-se à literatura juvenil em voga: «Nunca achei graça às raparigas, nem conheço muitas, exceto as minhas irmãs; mas talvez as nossas peças bizarras e experiências acabem por ser interessantes, ainda que duvide.»

As dúvidas continuaram ao longo do processo de escrita, que foi executado em escassas seis semanas, e só pouco a pouco é que Louisa May Alcott, então com 36 anos, se começou a

afeiçoar à narrativa semiautobiográfica de *Mulherzinhas*, fortemente inspirada nas suas vivências familiares em Concord, no Massachussets. A título de curiosidade, refira-se que uma jovem sobrinha do editor, leitora entusiasta do manuscrito, contribuiu para que Thomas Niles apostasse no livro e nas suas sequelas: *Good Wives* (*Boas Esposas*, em português), *Little Men* e *Jo's Boys*. Afinal, «as peças bizarras e experiências» das quatro irmãs Alcott/March, incluindo a fundação do Clube Pickwick e a tragédia teatral de Roderigo, entre outras peripécias que se seguem, provaram ser «interessantes» aos olhos de milhões de leitores.

O sucesso de *Mulherzinhas* garantiu a Louisa May Alcott rendimentos suficientes para viver da literatura e ajudar a sua sempre precária família. Hábil e previdente na negociação dos direitos de autor, talvez não levasse muito a sério aquela «obra juvenil», mas certamente que não deixou os créditos por mãos alheias, e em pouco tempo teve o retorno do seu *bestseller*. Ficaria assim demonstrada uma das suas mais arreigadas convicções feministas: nem o amor nem o casamento são o primeiro destino da mulher, se a vontade a impele a outros voos. Fiel a essa ideia, Alcott nunca casou nem teve filhos, vivendo dedicada à família e ao trabalho; e só a contragosto «arranjou» marido para Jo, fazendo a vontade a um editor algo avesso a heroínas solteironas. Mas essa reviravolta não cabe no volume que o leitor ou leitora tem agora em mãos, e só podemos aguçar-lhe a curiosidade.

É pela voz de Jo March, seu alter ego, que Louisa May Alcott melhor exprime o desejo de liberdade e independência, bem como de reconhecimento público pelo seu talento

e esforço. Mas também Amy, a mais nova das quatro irmãs, com quem Jo tem uma relação de amor/ódio, partilha dessas aspirações inconformistas: «Tenho imensos sonhos, mas o que me é mais querido é ser uma artista, ir para Roma, pintar lindamente e ser a melhor artista do mundo inteiro», afirma no Capítulo Treze, «Castelos no ar». Quanto a Jo, dirá: «Teria um estábulo cheio de cavalos árabes, salas repletas de livros e escreveria com um tinteiro mágico, para que as minhas obras fossem tão famosas como a música do Laurie. Quero fazer qualquer coisa fantástica antes de ir para o meu castelo, algo heroico ou maravilhoso, que não seja esquecido depois de eu morrer. Não sei o que vai ser, mas estou atenta e pretendo surpreender-vos a todos, um dia. Acho que vou escrever livros e ser rica e famosa. É o meu sonho favorito.»

Enquanto exemplo do *bildungsroman* («romance de formação»), *Mulherzinhas* é extremamente eficaz na construção das suas personagens em crescimento, à medida que enfrentam os desafios da vida, do amor, da família e da sociedade. Perguntamos: no essencial, haverá assim tanta diferença entre uma adolescente do século XXI cujo sonho é ser *influencer* e ter milhares de seguidores, e as quimeras de juventude de Amy e Jo? O impulso maternal de Meg e a inocência infantil de Beth terão desaparecido do nosso mundo cínico? Apesar de tudo, não nos parece, e aí reside a principal explicação da longevidade deste clássico. À sua maneira, Meg, Jo, Beth e Amy correspondem a arquétipos psicológicos duradouros, facilmente incorporados pelos leitores e leitoras mais jovens, sempre à procura de modelos com os quais se possam identificar. Mudam-se os tempos, desgasta-se a esperança,

mas os temores e anseios dos jovens permanecem idênticos no seu núcleo vital.

Apesar de contida por uma rígida moldura moral e religiosa, até evangelizadora (quanto a nós, o aspeto menos cativante do livro), *Mulherzinhas* consegue ser uma obra progressista para a sua época. A condenação intransigente da escravatura e a caricatura de uma educação à base da palmaria são disso exemplos. Mas é sobretudo a personagem de Jo March, heroína de várias gerações, que faz toda a diferença. Indomável, inteligente, complicada, apaixonada, impulsiva, sincera, inadaptada, Jo encarna, ao mesmo tempo, a frustração e a rebeldia adolescentes, a mulher contrária às convenções sociais, a cidadã implicada em causas cívicas e políticas, e a luta da escritora por «um quarto que seja seu», como disse Virginia Woolf. Enquanto houver uma Jo a querer mudar-se a si própria, e talvez o mundo, não poderemos dormir descansados. Ainda bem.

Carla Maia de Almeida

Capítulo Um

Brincar aos peregrinos

— **U**m Natal sem presentes não é Natal — resmungou Jo, deitada no tapete.
— É tão horrível ser pobre! — suspirou Meg, olhando para o seu velho vestido.

— Não é justo que algumas raparigas tenham tantas coisas bonitas e outras nada — choramingou Amy.

— Temos o Pai e a Mãe, e temo-nos umas às outras — disse Beth, feliz no seu cantinho.

Os quatro rostos jovens onde se refletia a luz da fogueira iluminaram-se com aquelas palavras animadoras, mas logo voltaram a escurecer-se quando Jo lembrou, com tristeza:

— Não temos o Pai, e não o vamos ter durante muito tempo.

Não disse «talvez nunca mais», mas cada uma delas o pensou, recordando o pai, lá longe, onde os combates decorriam.

No minuto seguinte, ninguém falou; depois, Meg quebrou o silêncio, emocionada:

— Sabem, a Mãe propôs não oferecermos presentes no Natal porque vai ser um inverno difícil para todos, e ela acha que não devemos gastar dinheiro com frivolidades, quando os nossos homens estão a sofrer tanto no Exército¹. Não podemos fazer muito, a não ser pequenos sacrifícios que devemos assumir com alegria. Mas receio não estar à altura...

E Meg abanou a cabeça, pensando em todas as coisas bonitas que desejava, sentindo-se culpada por isso.

— Não acho que o pouco que gastássemos fizesse alguma diferença. Cada uma de nós tem um dólar e o Exército não vai sair muito beneficiado com isso. Uma coisa é não esperar nada da Mãe ou de ti, e estou de acordo, mas quero comprar o *Undine* e *Sintram*² para mim. Há muito tempo que os quero ter — disse Jo, que era uma devoradora de livros.

— Planeava gastar o meu dinheiro em novas partituras — disse Beth, com um pequeno suspiro que apenas a escova da lareira e o suporte da chaleira ouviram.

— Vou comprar um bom conjunto de lápis da *Faber*³. Preciso deles para desenhar — afirmou Amy, decidida.

¹ Meg refere-se ao exército da União, representante dos estados do norte dos Estados Unidos, e ao sangrento conflito armado com as tropas dos estados separatistas do Sul, reunidas sob a bandeira da Confederação. A Guerra Civil Americana, ou Guerra da Secessão, decorreu entre 1861 e 1865, terminando com a vitória da União e um saldo amargo de seiscentos mil mortos. Nas razões do antagonismo estava a preservação da unidade nacional e a proposta de abolição da escravatura, depois de Abraham Lincoln ter sido eleito presidente em 1860. [N. T.]

² *Undine* e *Sintram* e os *Seus Companheiros* são duas obras de Friedrich de la Motte Fouqué, escritor romântico alemão de ascendência francesa. Foram publicadas em edição conjunta nos Estados Unidos em 1845. [N. T.]

³ Fundada por Kaspar Faber, na Alemanha, em 1761, a Faber (atual Faber-Castell) continua a ser uma marca de referência na produção de lápis, lapiseiras e outros materiais de desenho e escrita. [N. T.]

— A Mãe não disse nada sobre o nosso dinheiro e não vai querer que abduquemos de tudo. Vamos comprar o que quisermos e divertir-nos um pouco; tenho a certeza de que trabalhamos o suficiente para o merecer — exclamou Jo, examinando os tacões dos sapatos com modos arrapazados.

— Sem dúvida que trabalho... Ensinar aqueles miúdos cansativos praticamente o dia todo, quando só me apetece estar sossegada em casa — começou Meg, retomando o tom lamuriento.

— Não tens nem metade dos meus problemas — disse Jo. — Imaginas o que é estar fechada horas a fio com uma velhota nervosa e picuinhas, que te quer sempre a mexer, que nunca está satisfeita e que te atormenta a ponto de teres vontade de chorar ou de saltar pela janela?

— É feio queixarmo-nos, mas acho que lavar a louça e manter a casa arrumada é o pior trabalho do mundo. Deixa-me irritada, e as minhas mãos ficam tão rígidas que não consigo tocar bem.

E Beth olhou para as mãos ásperas com um suspiro que, dessa vez, todas ouviram.

— Não acredito que alguma de vocês sofra como eu — protestou Amy. — Não têm de andar na escola com raparigas malcriadas que vos atormentam se não souberem as lições, que troçam dos vossos vestidos, que *encarecem* o vosso Pai por ele não ser rico, e que ainda por cima vos insultam porque o vosso nariz não é bonito.

— Se querias dizer «escarnecem», até concordo — comentou Jo, rindo-se. — Mas não digas «encarecem», porque o Pai não é nenhuma mercadoria.

— Eu sei o que quero dizer e não precisas de ser *sartástica*. É de bom-tom usarmos palavras importantes e aumentarmos o nosso *vobulacário* — retorquiu Amy, com dignidade.

— Não se atormentem uma à outra, meninas. Não gostavas que tivéssemos o dinheiro que o Pai perdeu quando éramos pequenas, Jo? Céus! Como seríamos felizes e bondosas se não tivéssemos preocupações! — disse Meg, que se recordava de tempos melhores.

— No outro dia, disseste que nos achavas muito mais felizes do que as crianças da família King, que estão sempre a discutir e a queixar-se, apesar de terem dinheiro.

— Pois disse, Beth, e acredito nisso. Apesar de termos de trabalhar, divertimo-nos e somos uma pandilha bastante alegre, como diria a Jo.

— A Jo usa cada termo! — observou Amy, lançando um olhar reprovador à longa silhueta estendida no tapete.

Jo levantou-se imediatamente, pôs as mãos nos bolsos e começou a assobiar.

— Não faças isso, Jo. É tão masculino!

— Por isso mesmo.

— Detesto raparigas rudes e pouco femininas!

— Odeio miúdas afetadas e «não me toques que me desafinas»!

— Os passarinhos não se zangam nos seus ninhos — cantarolou Beth, a pacificadora, fazendo uma cara tão engraçada que as duas vozes afiadas amoleceram numa gargalhada, e as «bicadas» ficaram por ali.

— Na verdade, meninas, ambas têm culpa — disse Meg, começando a lição de moral em tom de irmã mais velha.

— Tu, Josephine, já tens idade para deixares essas brincadeiras arrapazadas e comportares-te melhor. Não parecia mal quando eras uma menina, mas agora que cresceste e usas o cabelo apanhado, devias lembrar-te de que és uma senhorinha.

— Não sou nada! E se prender o cabelo me torna uma senhorinha, vou usar duas tranças até fazer vinte anos! — exclamou Jo, puxando a rede e sacudindo a vasta cabeleira castanha. — Detesto pensar que tenho de crescer e ser a menina March, usar vestidos compridos e parecer tão certinha como uma flor de estufa! Já é suficientemente mau ser rapariga, quando o que eu gosto mesmo é das brincadeiras, das profissões e dos modos dos rapazes! Para mim, é uma desilusão não ser rapaz, e não consigo ultrapassar isso. E agora ainda é pior do que antes, porque estou ansiosa para ir lutar ao lado do Pai e tenho de ficar em casa a tricotar como uma velha tonta!

E Jo abanou de tal forma a meia azul⁴ do Exército que as agulhas chocalharam como castanholas e o novelo rolou pelo chão da sala.

— Pobre Jo! É uma pena, mas não se pode fazer nada. Tens de te contentar com o teu nome arrapazado e com fazeres de irmão para nós — disse Beth, acariciando-lhe o cabelo espesso com uma mão tão doce que nem todas as lavagens e limpezas do mundo poderiam endurecer.

— Quanto a ti, Amy — continuou Meg —, és demasiado exigente e empertigada. Agora esses teus ares têm graça, mas, se não tiveres cuidado, vais crescer e tornar-te uma patetinha

⁴ Os uniformes do exército da União eram azuis, enquanto os Confederados se vestiam de cinzento. [N. T.]

afetada. Gosto das tuas maneiras agradáveis e da tua forma refinada de falar, quando não tentas parecer chique. Mas as tuas palavras absurdas caem tão mal como os termos de calão que a Jo usa.

— Se a Jo é uma maria-rapaz e a Amy uma pateta, diz-me o que sou eu, por favor — perguntou Beth, pronta a usufruir da lição.

— Tu és um amor, e nada mais — respondeu Meg calorosamente, e ninguém a contradisse, porque a *Ratinha* era o anjo da família.

Como os jovens leitores também gostam de conhecer as pessoas por fora, vamos aproveitar para fazer uma pequena descrição das quatro irmãs, que se encontravam a tricotar à luz do crepúsculo, enquanto a neve de dezembro caía na rua e a lareira crepitava alegremente no interior da casa. Era uma sala confortável, embora o tapete estivesse gasto e a mobília fosse muito simples. Mas havia um ou dois bons quadros pendurados nas paredes, livros a preencher os recantos, crisântemos e rosas de Natal a florescer nas janelas. Respirava-se uma agradável atmosfera de paz doméstica.

Margaret, a mais velha das quatro, tinha dezasseis anos e era muito bonita. De compleição redonda e pele clara, tinha olhos grandes, um cabelo castanho macio e abundante, uma boca meiga e umas mãos brancas que eram o seu motivo de orgulho. Jo, com quinze anos, era muito alta, magra e morena. Fazia lembrar um potro; era como se não soubesse o que fazer com as suas pernas e braços compridos, que pareciam estar sempre a atrapalhar. Tinha uma boca determinada, um nariz engraçado e uns olhos cinzentos e aguçados que tudo

viam, ora se mostrando ferozes, ora divertidos ou pensativos. A sua única beleza residia no cabelo comprido e forte, geralmente apanhado numa rede, para não incomodar. Jo tinha os ombros arqueados, mãos e pés grandes, e preferia vestir-se com roupas largas. Tinha a desconfortável aparência de uma rapariga que estava a transformar-se rapidamente numa mulher, e que não gostava nada disso.

Elizabeth, ou Beth, como todos lhe chamavam, era uma rapariga de treze anos, rosada, de cabelo liso, olhos brilhantes, modos recolhidos, uma voz tímida e uma expressão pacífica que raramente se perturbava. O pai chamava-lhe «Pequenina Paz», e a alcunha assentava-lhe na perfeição. Parecia viver num mundo feliz e só dela, aventurando-se apenas para conviver com aqueles em quem confiava e que amava. Amy, apesar de ser a mais nova, era uma pessoa muito importante, pelo menos na sua opinião. Uma autêntica donzela da neve, de olhos azuis e cabelo loiro encaracolado até aos ombros, pálida e esguia, sempre a dar-se ares de uma jovem senhora atenta aos seus bons modos. Quanto às personalidades das quatro irmãs, iremos descobri-las mais tarde.

O relógio bateu as seis da tarde. Depois de varrer a lareira, Beth pôs um velho par de chinelos a aquecer. Olhar para eles teve um efeito positivo nas raparigas, pois a mãe estava a chegar e todas se animaram para a receber. Meg parou de dar sermões e acendeu o candeeiro, Amy levantou-se da poltrona por sua livre iniciativa e Jo esqueceu-se do cansaço para ir pôr os chinelos mais perto do calor.

— Estão completamente gastos. A Mami precisa de um novo par — disse ela.

— Pensei em comprar-lhe uns com o meu dólar — contrapôs Beth.

— Não, eu compro! — exclamou Amy.

— Eu sou a mais velha... — começou por dizer Meg, mas Jo interrompeu-a com firmeza:

— Enquanto o Pai estiver ausente, sou eu o homem da casa, e como ele me pediu para ter especial cuidado com a Mãe, é a mim que compete comprá-los.

— Eu digo-vos o que vamos fazer — disse Beth. — Vamos dar-lhe um presente de Natal e não compramos nada para nós.

— Só mesmo tu, querida! E o que lhe vamos comprar? — perguntou Jo.

Todas pensaram seriamente durante um minuto. Depois, como se a ideia tivesse sido inspirada pelas suas bonitas mãos, Meg anunciou:

— Vou dar-lhe um lindo par de luvas.

— Pantufas do Exército, as melhores que houver! — exclamou Jo.

— Alguns lenços, todos debruados — disse Beth.

— Vou comprar-lhe um pequeno frasco de água-de-colónia. Ela gosta, e não é muito caro. Assim, ainda fico com algum dinheiro para os meus lápis — acrescentou Amy.

— E como vamos oferecer os presentes? — perguntou Meg.

— Deixamos os embrulhos em cima da mesa, levamos a Mãe até lá e vemos a reação dela ao abri-los — propôs Jo. — Não se lembram de como costumávamos fazer nos nossos aniversários?

— Ficava assustada quando era a minha vez de me sentar na cadeira com a coroa posta, e depois ver-vos a avançar com

os presentes e a dar-me um beijo... Gostava dos presentes e dos beijos, mas era horrível ser observada enquanto abria os embrulhos — disse Beth, que estava a torrar o pão para o chá e a aquecer a cara ao mesmo tempo.

— Deixemos a Mami pensar que estamos a comprar coisas para nós, e depois surpreendemo-la. Temos de ir às compras amanhã à tarde, Meg. Há tanto para fazer para a peça da noite de Natal — disse Jo, marchando de um lado para o outro, com as mãos atrás das costas e o nariz empinado.

— Este ano, é a última vez que represento. Estou a ficar velha para essas coisas — comentou Meg, que em matéria de «brincar a mascarar-se» era a mesma criança de sempre.

— Sei muito bem que isso não vai acontecer, pelo menos enquanto te puderes pavonear de vestido branco, cabelo solto e joias de papel dourado. És a nossa melhor atriz, e se aban-donares o palco, é o fim — disse Jo. — Esta noite, devíamos ensaiar. Vá lá, Amy, repete a cena do desmaio. Quando a fazes, ficas mais rígida do que o atiçador da lareira.

— Não o posso evitar. Nunca vi ninguém desmaiar e não quero ficar toda pisada se cair redonda no chão, como tu fazes. Se puder cair suavemente, caio. Caso contrário, caio numa cadeira e continuo elegante. Quero lá saber se o Hugo vem atrás de mim com uma pistola — respondeu Amy, que não tinha qualquer dom para o teatro, mas fora escolhida por ser suficientemente leve para ser transportada, aos gritos, pelo vilão da peça.

— Faz como te ensinei... Juntas as mãos, cambaleias pelo quarto e gritas, bem alto: «Roderigo! Salva-me! Salva-me!».

E Jo assim fez, lançando um grito melodramático verdadeiramente arrepiante.

Amy tentou imitá-la, mas estendeu as mãos hirtas e sacudiu-se como que empurrada por uma máquina, soltando um «ai!» que mais parecia ter sido provocado por picadelas de alfinetes do que por medo e angústia. Jo resmungou de desespero e Meg riu-se sem pudor, enquanto Beth deixava queimar o pão e apreciava a brincadeira.

— Não vale a pena! Faz o melhor que puderes quando chegar a hora, e se o público se rir de ti não me deites as culpas. Anda, Meg.

A seguir, as coisas correram bem, pois Dom Pedro desafiou o mundo num discurso de duas páginas sem uma única pausa. Hagar, a bruxa, entoou um terrível feitiço por cima do seu caldeirão cheio de sapos a ferver, produzindo um efeito estranho. Roderigo rompeu as correntes com valentia, e Hugo morreu numa agonia de remorsos e arsénico, com um enlouquecido «Ah! Ah! Ah!».

— É a melhor peça que fizemos até agora — disse Meg, enquanto o vilão morto se sentava e esfregava os cotovelos.

— Não percebo como consegues escrever e representar estas coisas esplêndidas, Jo. És um verdadeiro Shakespeare! — exclamou Beth, que acreditava piamente que as suas irmãs eram dotadas de genialidade em tudo o que faziam.

— Não é bem assim — respondeu Jo, modesta. — Acho que *A Maldição das Bruxas — Uma Tragédia Operática* está bem conseguida, mas gostava de tentar ensaiar *Macbeth*, se ao menos tivéssemos um alçapão para o Banquo⁵. Sempre quis

⁵ Personagem de *Macbeth*, de William Shakespeare (1564–1616). [N. T.]

fazer a cena da morte: «É um punhal que vejo diante de mim?» — murmurou, revirando os olhos e erguendo as mãos em forma de garra, como vira na atuação de um famoso ator dramático.

— Não, é o garfo dos assados, com o chinelo da Mãe espetado em vez do pão. A Beth está fascinada pelo palco! — exclamou Meg, e o ensaio terminou numa explosão geral de riso.

— Fico contente por vos encontrar tão alegres, minhas filhas — disse uma voz animada, ao entrar.

Atores e público viraram-se para saudar uma senhora alta e maternal, com um ar verdadeiramente delicioso de quem pergunta: «Como posso ajudar?». Não estava vestida com elegância, mas era uma mulher de aparência nobre, e as meninas pensaram que a capa cinzenta e o chapéu fora de moda envolviam a mãe mais fantástica do mundo.

— Então, minhas queridas, como foi o vosso dia? Havia tanto a fazer, para deixar prontas as caixas de amanhã, que não vim almoçar a casa. Alguém me procurou, Beth? Como está a tua constipação, Meg? Jo, pareces exausta. Vem cá e dá-me um beijo, filha.

Enquanto fazia o seu inquérito maternal, a Sra. March despiu a roupa molhada, calçou os chinelos quentes e, sentando-se na poltrona, puxou Amy para o seu colo, preparando-se para desfrutar da hora mais feliz de um dia atarefado. As meninas voavam de um lado para o outro, tentando tornar tudo mais confortável, cada uma à sua maneira. Meg preparou a mesa para o chá, Jo trouxe lenha e arrumou as cadeiras, batendo, virando e atirando ao chão tudo aquilo em que

tocava. Beth andava entre a sala e a cozinha, ocupada, mas serena, enquanto Amy dava instruções a toda a gente, sentada e de mãos cruzadas no colo.

Quando se reuniram à mesa, a Sra. March anunciou, com uma expressão especialmente feliz:

— Depois do jantar, tenho uma surpresa para vocês.

Nesse instante, os rostos iluminaram-se com um sorriso tão luminoso como um raio de sol. Beth bateu palmas, esquecendo-se de que tinha um biscoito nas mãos, e Jo atirou o guardanapo ao ar, exclamando:

— Uma carta! Uma carta! Três vivas ao Pai!

— Sim, é uma bela e longa carta. O Pai encontra-se bem e acredita que vai passar este inverno melhor do que pensamos. Envia os melhores votos de amor para este Natal, e uma mensagem especial para todas vós, meninas — disse a Sra. March, dando palmadinhas no bolso, como se ali guardasse um tesouro.

— Despacha-te e acaba de comer, Amy! Para de levantar o dedo mindinho e de fazer gracinhas afetadas à mesa! — gritou Jo, engasgando-se com o chá e deixando cair a torrada no tapete, com a manteiga para baixo, tal a sua urgência em chegar ao momento da surpresa.

Beth parou de comer e esgueirou-se até ao seu cantinho pouco iluminado, antecipando a alegria que se fazia anunciar, e esperou que as irmãs estivessem prontas.

— Acho que foi maravilhoso da parte do Pai oferecer-se como capelão, sabendo que era demasiado velho para ser recrutado e que já não tinha a força de um soldado — afirmou Meg calorosamente.

— Quem me dera ir como tocadora de tambor ou como *vivan...*⁶ como é que se diz? Ou então como enfermeira, para poder estar ao pé dele e ajudá-lo — exclamou Jo, lamentosa.

— Deve ser muito desagradável dormir numa tenda, comer todo o tipo de coisas horríveis e beber de uma caneca de lata — suspirou Amy.

— Quando é que ele volta para casa, Mami? — perguntou Beth, com um ligeiro tremor na voz.

— Ainda faltam bastantes meses, querida. A menos que adoça, vai ficar e prosseguir o seu trabalho com toda a fé que tiver, e o máximo de tempo que puder. Não vamos pedir que volte nem um minuto mais cedo, antes de poder ser dispensado. Agora, venham para ao pé de mim e ouçam o que diz a carta.

Todas se aproximaram da lareira. A mãe sentou-se no cadeirão, com Beth a seus pés, Meg e Amy empoleiradas, uma de cada lado, e Jo atrás, onde ninguém notaria qualquer sinal de emoção, caso a carta fosse comovente. Naqueles tempos difíceis, poucas eram as cartas escritas sem emoção, especialmente as que os pais enviavam para casa. Nesta em particular, pouco se falava das dificuldades suportadas, dos perigos enfrentados ou da saudade contida. Era uma carta alegre e esperançosa, cheia de descrições vívidas do quotidiano no acampamento, das marchas e das notícias da frente; só nas últimas linhas o coração do escrevente transbordava de amor paternal e das saudades que tinha das suas meninas.

⁶ Jo quer referir-se às *vivandières* («vivandeiras», em português), mulheres que vendiam ou levavam mantimentos para os soldados, geralmente acompanhando as tropas em campanha. [N. T.]

«Dá-lhes todo o meu amor e um beijo. Diz-lhes que penso nelas de dia, que rezo por elas à noite e que em todos os momentos encontro o meu maior conforto no seu carinho. Um ano parece muito tempo sem as ver, mas lembra-lhes que a espera pode ser mitigada pelo trabalho, e assim estes dias difíceis não serão desperdiçados. Sei que vão recordar tudo o que lhes disse, que serão filhas amorosas, que hão de cumprir fielmente o seu dever e que vão combater os seus inimigos interiores com coragem. Quando eu voltar, terão evoluído tanto que o amor e o orgulho que sinto pelas minhas mulherzinhas será maior do que nunca.»

Chegada esta parte da carta, já todas continham o choro. Jo não se envergonhou da grande lágrima que lhe rolou pela ponta do nariz, e Amy não se importou com os caracóis desalinhados quando escondeu o rosto no ombro da mãe e soluçou:

— Sou uma rapariga egoísta! Mas vou esforçar-me por ser melhor, para que ele não fique desiludido comigo.

— Todas nos vamos esforçar — exclamou Meg. — Dou demasiada importância à minha aparência e detesto trabalhar, mas, se conseguir, não volto a fazê-lo.

— Vou tentar ser o que ele adora chamar-me, «uma mulherzinha». Não vou ser rude e rebelde, e vou cumprir o meu dever aqui, em vez de querer estar noutra lugar qualquer — disse Jo, pensando que manter a calma em casa era muito mais difícil do que enfrentar um ou dois insurretos do Sul.

Beth nada disse, mas enxugou as lágrimas com a meia azul do Exército e recomeçou a tricotar com todas as ganas, para não adiar o dever que estava mais à mão. Enquanto isso, a sua almazinha serena comprometia-se a ser tudo o que o

pai esperava dela, quando o ano seguinte trouxesse o seu feliz regresso a casa.

A Sra. March rompeu o silêncio que se seguiu às palavras de Jo com uma voz alegre:

— Lembram-se de brincar ao *Caminho do Peregrino*⁷ quando eram pequeninas? Não havia nada de que vocês mais gostassem. Eu amarrava os meus sacos de retalhos às vossas costas, como se fossem fardos; dava-vos chapéus, bastões e rolos de papel, e depois deixava-vos viajar pela casa. Começavam na cave, que era a Cidade da Destruição, e caminhavam até ao sótão, onde juntavam todas as coisas bonitas que encontravam para construir a Cidade Celestial.

— Como era divertido! Especialmente a parte de passar pelos leões, lutar contra Apolião⁸ e atravessar o vale onde estavam os duendes — disse Jo.

— Eu gostava da parte em que os fardos caíam e rolavam pelas escadas abaixo — disse Meg.

— Não me lembro muito bem, a não ser de que tinha medo da cave e da entrada escura. Mas gostava do bolo e do leite que comíamos lá em cima. Se não fosse demasiado velha

⁷ Publicado em finais do século XVII, *O Caminho do Peregrino* (*Pilgrim's Progress*, no original) é muitas vezes considerado o livro de ficção mais importante do cristianismo. Da autoria do pregador protestante inglês John Bunyan (1628–1688), é uma exuberante alegoria sobre a jornada espiritual do homem comum que busca o sentido da vida, enfrentando todas as provas e obstáculos, sempre amparado pela sua fé e perseverança. O livro será uma chamada constante ao longo de *Mulherzinhas*, quer diretamente, na referência a personagens e lugares, quer simbolicamente, pela comparação dos fardos e circunstâncias das quatro irmãs com os da personagem principal da obra, Christian (Cristão). [N. T.]

⁸ Anjo da perdição e do abismo, também conhecido por «o destruidor», que aparece no Livro do Apocalipse. [N. T.]

para essas coisas, não me importava de brincar outra vez — disse Amy, que já falava em renunciar às brincadeiras infantis na maturidade dos seus doze anos.

— Nunca somos demasiado velhas, minha querida. De uma maneira ou de outra, estamos sempre a brincar a esse jogo. Os nossos fardos estão aqui, o caminho está à nossa frente, e o anseio por bondade e felicidade é o guia que nos conduz através de muitos problemas e erros até alcançarmos a paz, a verdadeira Cidade Celestial. Agora, minhas pequenas peregrinas, imaginem que recomeçam o jogo; não a brincar, mas a sério, e vejam quão longe podem chegar antes de o vosso pai voltar a casa.

— A sério, Mãe? Onde estão os nossos fardos? — perguntou Amy, que era uma rapariga muito literal.

— Cada uma de vós acabou de contar qual era o seu fardo, exceto a Beth. Acho que ela não tem nenhum — disse a mãe.

— Tenho, sim. O meu fardo são os pratos e os espanadores, invejar as meninas que têm pianos bonitos e ter medo das pessoas.

Os fardos de Beth eram tão engraçados que todas tiveram vontade de rir, mas ninguém o fez, pois teriam ferido os seus sentimentos.

— Vamos fazer isso — disse Meg, pensativa. — É apenas outro nome para tentarmos ser bondosas, e esta história pode ajudar-nos. Porque, apesar de querermos ser boas pessoas, esse é um trabalho árduo que por vezes esquecemos e para o qual não temos dado o nosso melhor.

— Esta noite, estávamos no Pântano da Desesperança, e a Mãe chegou e tirou-nos de lá, tal como o Auxílio faz no livro.

Devíamos ter o nosso mapa, como o Cristão. Como é que resolvemos isso? — perguntou Jo, deliciada com aquela fantasia, capaz de dar um toque romanesco à tarefa enfadonha de cumprir deveres.

— Procurem debaixo dos vossos travesseiros, na manhã de Natal, e encontrarão o vosso mapa — respondeu a Sra. March.

Conversaram sobre o novo plano enquanto a velha Hannah limpava a mesa. Depois foram buscar as suas quatro caixas de costura, e as agulhas pareceram voar ao fazerem os lençóis para a tia March. Era um trabalho sem interesse, mas nessa noite ninguém protestou. Adotaram o plano de Jo, dividindo as longas bainhas em quatro partes, e chamaram-lhes Europa, Ásia, África e América. Assim, a tarefa correu maravilhosamente, sobretudo enquanto falavam dos diferentes países, costurando o seu caminho através deles.

Às nove horas, pararam de trabalhar e, como de costume, cantaram antes de ir dormir. Ninguém mais, além de Beth, conseguia arrancar do velho piano música que se ouvisse com gosto. Tinha uma maneira suave de premir as teclas amarelas e de produzir um acompanhamento agradável para as canções simples que cantavam. Meg tinha uma voz de flauta; e ela e a mãe lideravam o pequeno coro. Amy parecia um grilo a cantar e Jo divagava à sua livre vontade, sempre improvisando no lugar errado, com um grasnido ou um trinado que estragava a mais melancólica das melodias. Cantavam desde o tempo em que tinham aprendido a balbuciar «'ilha, 'ilha, est'einha»⁹

⁹ Corruptela do verso da canção «Brilha, brilha, estrelinha» (*Twinkle, twinkle, little star*). [N. T.]

e já se tornara um costume familiar, pois a mãe era uma cantora nata. O primeiro som da manhã era a sua voz, enquanto cirandava pela casa, cantando como uma cotovia. À noite, regressava com a mesma alegria, pois as meninas nunca eram demasiado crescidas para ouvir a sua canção de embalar.

Um clássico que continua a conquistar leitores e a ser adaptado a diferentes formas de arte.

As quatro irmãs March e a mãe enfrentam dificuldades após a partida do pai para a guerra. Graças ao amor e à união entre todas, e ao seu espírito de sacrifício, a família consegue superar os problemas que vão surgindo, sem nunca perder a esperança e a capacidade de sonhar.

Um livro que trata de temas intemporais, como o sofrimento trazido pela doença, guerra e pobreza, ao mesmo tempo que reflete sobre a condição feminina na sociedade. Uma celebração do amor, da amizade e da coragem, bem como da liberdade e da expressão artística.

A bela e responsável Meg, a talentosa e decidida Jo, a sensível e reservada Beth e a sonhadora e romântica Amy fazem parte do nosso imaginário coletivo, e continuam tão cativantes hoje como no século XIX.

«Mas é sobretudo a personagem de Jo March, heroína de várias gerações, que faz toda a diferença. Indomável, inteligente, complicada, apaixonada, impulsiva, sincera, inadaptada (...). Enquanto houver uma Jo a querer mudar-se a si própria, e talvez o mundo, não poderemos dormir descansados. Ainda bem.»

in Prefácio, por Carla Maia de Almeida

A **Coleção Tesouros da Literatura**, da qual este livro faz parte, oferece uma cuidada seleção de obras fundamentais da Literatura Universal, muitas das quais são recomendadas pelas **Metas Curriculares de Português** e pelo **Plano Nacional de Leitura**.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt
  penguinkidspt

15+

ISBN 9789897877339



9 789897 877339 >